



## O SILENCIAMENTO DA CONDIÇÃO DO TRABALHO

Maria Virginia Borges Amaral<sup>1</sup>

### RESUMO:

Com os pressupostos básicos que se ancoram na teoria da Análise do Discurso é possível interpretar o discurso sobre o trabalho no Brasil, identificando marcas discursivas que a história produziu e reproduz para guiar e controlar o processo de consolidação do capitalismo no país. Pretende-se rever nesse espaço reflexivo e de debate acadêmico algumas questões que apontam para uma compreensão da condição do trabalho silenciada para a realização da sociedade do capital. Prioriza-se o setor produtivo da cana-de-açúcar devido à complexidade que o consubstancia: situa-se na linha tênue que separa o trabalho rural e o industrial nos dias atuais.

**Palavras-chave:** Trabalho, capitalismo, discurso, condição silenciada.

### ABSTRACT:

With the basic assumptions that are anchored on discourse analysis theory is possible to interpret the discourse on work in Brazil, identifying discursive marks that history has produced and produces to guide and control the capitalism consolidation process in the country. It is intended to revise in this reflexive and of academic debate space questions that point to an understanding of the work condition silenced for the realization of the capital society. Priority is given to the productive sector of sugar cane because of the complexity that substantiates it: lies in the tenuous line that separates rural and industrial work today

**Keyword:** work, capitalism, discourse, condition silenced

---

<sup>1</sup> Doutora. Universidade Federal de Alagoas (UFAL). E-mail : mvirginia39@gmail.com



## INTRODUÇÃO

O mundo do capital é o mundo dos objetos (Marx, 1989). Com essa premissa procura-se compreender como o poder desse mundo objetivo leva o trabalhador ao seu próprio esgotamento físico e mental. Sua força de trabalho, constituída pelas dimensões objetiva e subjetiva, é usurpada da sua própria vida. Nem mesmo esse objeto, a força de trabalho, mercadoria para competir no mundo dos objetos, lhe pertence. O trabalhador perde a sua própria vida no processo do trabalho, agravando-se a condição do trabalho à proporção que o mundo dos objetos se sobrepõe à sua existência. Para demonstrar as ideias aqui introduzidas, toma-se o discurso sobre o trabalho, identificando na sua complexidade os elementos obscurecidos pelo simulacro de acordos e compromissos trabalhistas.

O discurso sobre o trabalho tem uma memória<sup>2</sup> historicamente marcada pelos conflitos de classe, constitutivos de um real histórico da sociedade do capital. Essas questões tomadas como objeto de estudo são atravessadas por diversos campos de saber, inclusive o campo da Análise do Discurso. Neste sentido, mesmo que o olhar do analista seja para o discurso produzido na fase de uma sociedade dita “dos tempos modernos e democráticos”, que supunha *a felicidade para todos*, não se ignora no discurso das relações de trabalho traços do sofrimento dos trabalhadores, decorrentes do trabalho escravo, equivocadamente demarcado num tempo passado.

Na ordem do *discurso das condições de trabalho* (no plural) há o silenciamento<sup>3</sup> da *condição do trabalho*. O homem precisa desse silêncio para não aniquilar definitivamente sua humanidade. A “política do silêncio”<sup>4</sup> funciona como parte de atos de dominação/opressão ou como parte do ato de resistência dos oprimidos, contrariando o sentido de liberdade e vida do ser homem no processo de

---

<sup>2</sup>A expressão «memória», remete ao conceito de *memória discursiva* inscrito no campo teórico da Análise do Discurso. E «memória» deve ser entendida não no sentido da psicologia como memória individual, «mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador» (PÊCHEUX, 1999, p. 50). Ao se evocar um conceito desse porte corre-se riscos devido a diversidade das condições teóricas que essa inscrição pressupõe, mas é um risco que o pesquisador em processo de interpretação da realidade precisa se confrontar, visto que um objeto de pesquisa vai da referência explícita às configurações mais obscurecidas. A Análise do Discurso, uma disciplina de interpretação, transita da ordem da língua à ordem do discurso, do simbólico à simbolização, ao processo de linguagem e significação.

<sup>3</sup> Silenciamento, « O silêncio não fala, ele significa. É pois inútil traduzir o silêncio em palavras ; é possível, no entanto, compreender o sentido do silêncio por métodos de observação discursivos. » (ORLANDI 1992, p. 105)

<sup>4</sup> Expressão devida a Eni Orlandi, 1992.



sociabilidade. O pressuposto fundamental dessa reflexão é que a condição do trabalho é “a morte prematura do homem” pela exploração de sua energia vital no trabalho, sobretudo na agroindústria canavieira.

Quando se fala em trabalho no setor da produção da cana, seja na cultura dessa matéria prima, seja no processo de industrialização dos seus derivados, fala-se em condições de trabalho ou condições de produção. Nessa realidade, o discurso das condições de trabalho incorpora tanto os fatores naturais (fertilidade do solo, plantio da cana e outros fatores – luz do sol, a chuva ou a seca) como as habilidades para o trabalho e o desenvolvimento das forças produtivas (MARX, 2004).

A multiplicidade de sentidos que circula com a expressão “condições de trabalho” revela que “as palavras são múltiplas, mas os silêncios também o são”. (ORLANDI, 1992, p. 29). O sentido da *condição do trabalho* (no singular) compreende algo mais que as *condições de trabalho* (no plural) nas quais o homem exerce suas atividades laborativas<sup>5</sup>. A diferença entre uma expressão no singular e outra no plural é marcada para além da forma linguística, é discursiva.

## 1. SOBRE A CONDIÇÃO DO TRABALHO

É para o espaço produtivo e contraditório da agroindústria canavieira que muitos profissionais são requisitados para exercer suas funções, entre eles o Serviço Social sobre o qual apenas introduziremos a discussão que está mais bem desenvolvida em Amaral (2010, 2011).

O profissional em Serviço Social é requisitado para planejar e executar projetos sociais que favoreçam as *condições de trabalho*. Quais são essas condições com as quais se deparam no espaço ocupacional da profissão? Marx (2004a, p.44) as identifica como *condições objetivas*, constituídas pelos meios de produção, e *condições subjetivas*, constituídas pela *capacidade de trabalho*, ou *força de trabalho*. A

---

<sup>5</sup> Há necessidade de se retomar o sentido de labor, visto que essa expressão é ressignificada na sociedade moderna. Segundo Arendt (1995, p. 137) «as coisas no mundo moderno se tornaram produtos de labor, cujo destino natural é serem consumidos, ao invés de produtos de *trabalho* que se destinam a ser usados » (grifo nosso). Trabalho aqui tem um sentido ontológico, categoria fundante do ser social, unico elemento possível de produzir e reproduzir a vida, conforme uma abordagem marxiana. O trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. [...]. Ele [o homem] põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mãos, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. (MARX, 2004b, p. 29-30).



atenção do sujeito capitalista se volta para essas condições para atender as necessidades vitais do trabalhador já que precisam ser atendidas e refeitas para permanecer na produção e garantir a perpetuação do capital. Ora, o Serviço Social e todos os profissionais que trabalham para viabilizar as condições de trabalho atuam justamente no *conjunto do processo de trabalho*, constituído pela interação viva dos seus elementos *objetivos* e *subjetivos*. E o processo de trabalho, enquanto tal, “em todas as formas sociais é necessariamente processo de trabalho do capital” (MARX, 2004a, p. 47).

A condição do trabalho no processo de trabalho tomou tal “dimensão material” que se sobrepõe e silencia o sentido da condição de existência do trabalho na sociedade capitalista. No discurso sobre o trabalho o sentido de condições de trabalho aponta para as condições objetivas num processo de valoração superior às condições subjetivas. Esta última é tratada com a rispidez com que se trata a aquisição, manutenção e conservação das máquinas. Equiparando-se homem e máquina poderão ambos, quando não mais estiverem respondendo às metas da produção, serem descartados e substituídos.

No caso do trabalho no setor sucroenergético, ou agroindústria canavieira, como tradicionalmente é nomeada, os elementos que consubstanciam as condições subjetivas (entendendo, contudo, que esta não está dissociada das condições objetivas) são referidos como a “qualidade do trabalho” e a capacidade que tem o trabalhador para desenvolver suas *tarefas*<sup>6</sup>: as condições de saúde do trabalhador, de moradia, de transporte, de alimentação e todas as necessidades objetivas e subjetivas que apontam para a criação de programas e projetos advindos das políticas sociais, expressas como garantia dos direitos dos trabalhadores.

Mas a questão silenciada no discurso sobre as condições de trabalho é mais complexa do que permite o discurso visualizar imediatamente. Trata-se do sentido de *condição do trabalho*, cujo elemento silenciado, obscurecido, em virtude do alto grau de opressão advindo da exploração do trabalho na sociedade do capital, é “a morte prematura do trabalhador”. Evidentemente, essa expressão pode produzir um efeito

---

<sup>6</sup> Tarefas é uma medida de terra para definição de hectares em algumas regiões do nordeste. Por exemplo: Uma vara, utilizada para medir as tarefas, mede 2,20 metros, uma tarefa mede, em cada lado, 25 varas Um hectare equivale a aproximadamente 2,3 a 2,4 tarefas. No trabalho a expressão «tarefa» ganha sentido de atividades sob a responsabilidade do trabalhador. Ao aproximar os sentidos que essa expressão produz pode-se perceber a relação com definição de poder, de propriedade, de dominação e determinação de um lado, de subordinação e obediência de outro.



metafórico, por parecer dramática diante de um discurso que formula e faz circular discursos de qualidade de vida no trabalho. Mas não se pode ignorar os dados reais de morte por exaustão do trabalhador do corte da cana, por exemplo. Pode-se perceber o sofrimento expresso no depoimento de um trabalhador sobre sua condição:

Comecei a cortar cana com oito anos, ajudando meu pai. Aqui onde a gente mora não oferece outra coisa, só é cana mesmo. Não tem outra oportunidade. Dormir com fome? Pense numa coisa ruim dormir com fome! Esse é o serviço pior que tem. Ano passado em Alagoas, eu passei mal. **Deu câimbra no meu corpo todinho. A parte do corpo da gente que se movimenta, ela fica toda dura. Entreva tudo. Perna, braço, tudo. E eu quero morrer nesse serviço? Quero?** Só tem futuro pro dono, que é rico e vai ficando cada vez mais rico. E a gente cada vez se abaixando mais. Eu queria que o presidente Lula ouvisse isso. Pra mim quem é o herói é eu, que tô cortando cana, não é usineiro não.<sup>7</sup> (Grifo nosso).

A exaustão faz parte do processo vital do indivíduo e não da coletividade. Na sociedade moderna a «preocupação» dos homens que exploram a força de trabalho de outrem é tornar essa energia vital do indivíduo inesgotável; é cuidar para que «a espécie» de homens explorados seja reproduzida, que a morte de um não interrompa o processo, e que o nascimento de outro dê continuidade ao substrato da sociedade capitalista.

## 2 – MEDIDAS PARA A INESGOTABILIDADE DO TRABALHADOR!

Em 2009 o governo brasileiro firma um Compromisso Nacional Trabalhista para melhorar *as condições de trabalho* no setor sucroenergético. Segundo Marcos Sawaya Jank, Presidente da União da Indústria da Cana de Açúcar – Unica (2010)<sup>8</sup>, seriam estes os principais pontos<sup>9</sup> a ser considerados nos termos do acordo:

Sd1 – Dentro do conjunto de **melhores práticas** que fazem parte deste Protocolo, gostaria de frisar, mesmo sendo repetitivo:

<sup>7</sup> G. G., depoimento fornecido ao Brasil de Fato, Jornal On-line, ano 6 n. 259, fevereiro de 2008, disponível em [http://www.social.org.br/artigos/BDF\\_1\\_Agrocombustiveis-2008.pdf](http://www.social.org.br/artigos/BDF_1_Agrocombustiveis-2008.pdf), acesso em 22 de fevereiro de 2012.

<sup>8</sup> Palestra no evento de lançamento do “Compromisso Nacional para aperfeiçoar as condições de trabalho na cana-de-açúcar”, Junho de 2009. Disponível em [www.unica.com.br](http://www.unica.com.br), acesso em fevereiro de 2010.

<sup>9</sup> Organizam-se os pontos em Sequência discursivas (**Sd**) para efeito de análise do discurso do governo acerca dos acordos em torno das condições de trabalho na agroindústria canavieira.



Sd2 • A contratação direta de trabalhadores nas **atividades manuais do plantio** e corte da cana-de-açúcar, eliminando totalmente a utilização dos intermediários, **os chamados “gatos”**;

Sd3• A eliminação de qualquer remuneração de pessoas que atuam em **serviços de transporte, administração e fiscalização** vinculada aos ganhos dos trabalhadores;

Sd4• O aumento da transparência na aferição e no pagamento do **trabalho por produção**;

Sd5• Um amplo conjunto de **melhores práticas de gestão em “saúde e segurança” e “transporte” de trabalhadores (como por exemplo ginástica laboral, pausas, reidratação e atendimento de emergência)**;

Sd6• **A divulgação e orientação das melhores práticas** junto aos fornecedores de cana;

Sd7• O **atendimento a migrantes** contratados em outras localidades;

Sd8• **O fortalecimento das organizações sindicais e das negociações coletivas**;

Sd9• A valorização das **ações de responsabilidade corporativa** das empresas nas comunidades canavieiras.

Sd10. O governo, como parte integrante deste processo, vai contribuir com importantes **políticas públicas direcionadas nas áreas de adequação dos equipamentos de proteção individual, educação, qualificação, facilitação de emprego e programas sociais específicos nas regiões de emigração de trabalhadores**.

Destacam-se aqui os fatores que constituem as condições de trabalho na zona canavieira:

- a) Melhores práticas (Sd1)
- b) Contratação direta de trabalhadores nas **atividades manuais do plantio** e corte da cana-de-açúcar (Sd2)
- c) Serviços de transporte, administração e fiscalização (Sd3)
- d) Trabalho por produção (Sd4)
- e) Gestão em saúde e segurança e transporte de trabalhadores (como, por exemplo, ginástica laboral, pausas, reidratação e atendimento de emergência) (Sd5)
- f) Atendimento a migrantes (Sd7)



- g) Fortalecimento das organizações sindicais e das negociações coletivas (Sd8)
- h) Ações de responsabilidade corporativa das empresas (Sd9)
- i) Políticas públicas direcionadas nas áreas de adequação dos equipamentos de proteção individual, educação, qualificação, facilitação de emprego e programas sociais específicos nas regiões de emigração de trabalhadores (Sd10)

No discurso *as condições de trabalho* são traduzidas em “melhores práticas” e produz um sentido objetivo/material, remete à situação, à maneira de se fazer algo, ou à qualidade requerida como ideais que se impõem e são aceitos em um processo de produção, mediado por um protocolo de acordo entre os sujeitos envolvidos – governo, empresários e trabalhadores. Na realidade da zona canavieira, as condições de trabalho incorporam tanto os fatores naturais (fertilidade do solo, plantio da cana e outros fatores – luz do sol, a chuva ou a seca) como as habilidades adquiridas para o trabalho, caracterizando-se um aperfeiçoamento progressivo das forças produtivas do trabalho que envolve os fatores naturais e sociais.

Diante da condição desumana do trabalho, devida à sua exploração pelo capitalismo para aumentar o consumo e gerar mais riqueza, o discurso das condições de trabalho produz um efeito disciplinador. Ao mesmo tempo em que exerce o controle sobre as forças produtivas<sup>10</sup>, silencia o efeito destrutivo do trabalho pelo capital. Reproduz-se, assim, o discurso da ilusão e do fetiche do “trabalho livre e remunerado” (b – Sd2, d – Sd4), da “saúde e segurança no trabalho” (e – Sd5, f – Sd7, i – Sd10), “da liberdade política e de organização voluntária no trabalho” (g – Sd8, h - Sd9). Todos esses “princípios” circulam e ressoam no discurso o sentido de condições de trabalho, apontando para melhoria da prática no trabalho, vislumbrando a possibilidade de criar no sujeito trabalhador a ilusão do prazer e do enobrecimento gerado pelo ato de trabalhar.

## CONCLUSÃO

---

<sup>10</sup> As forças produtivas dependem, sobretudo, conforme (MARX, 2004,p.64), “das condições naturais do trabalho, da maquinaria, do aperfeiçoamento dos métodos, da aplicação de processos químicos e de outras e de outras forças naturais, da redução do tempo e do espaço graças aos meios de comunicação e de transporte, e todos os demais inventos pelos quais a ciência coloca as forças naturais a serviço do trabalho, e pelos quais se desenvolve o caráter social ou cooperativo do trabalho”.



O setor da agroindústria canavieira é muito complexo, sobretudo por se tratar de um setor heterogêneo, multifacetado, que tanto compreende o trabalho na fábrica, com toda a estrutura que lhe é própria, como o trabalho no campo, com as especificidades do trabalho agrícola. Nesse setor produtivo, o capital não esperou que parte da população, ainda não subsumida ao processo de acumulação, estivesse pronta para ser explorada; apropriou-se de todos que pudessem se transformar em força de trabalho. Homens, mulheres e crianças<sup>11</sup>, todos foram dominados pelo capital agroindustrial indiferente a esse processo vital e natural da necessidade de o homem reproduzir a sua própria existência com o seu trabalho.

Nas condições de trabalho necessárias à produção da cana e seus derivados, a natureza do trabalhador é abstraída, transformando-o em força de trabalho que se desgasta e precisa ser reposta. Para isso o capital cria estratégias no espaço da fábrica (ou no espaço do complexo industrial da usina); são-lhes oferecidos os serviços pelos quais pagam com seu próprio trabalho para recompor as suas energias físicas e mentais e continuarem subsumidos ao capital. Serviços de saúde, de educação de lazer, de moradia, de alimentação, de transportes etc., tudo para atender às necessidades de reprodução da força de trabalho.

Serviço não é em geral mais do que uma expressão para o valor de uso particular do trabalho, na medida em que este não é útil como coisa mas como atividade. Dou para que faças, faço para que faças, faço para que dês, dou para que dês [...], são aqui formas idênticas da mesma relação, ao passo que na produção capitalista, o *do aut facias* [Dou para que faças] exprime uma relação sumamente específica entre a riqueza objetiva e o trabalho vivo. (MARX, 2004a, p. 118 -119).

E mais adiante: “Uma grande parte dos *serviços* entra nos custos de consumo das mercadorias” (IDEM). As condições de trabalho são, pois, pagas pelo próprio trabalhador no trabalho e no consumo.

Na mesma medida em que se desenvolve e se fortalece a produção da cana no Brasil, e particularmente em Alagoas, cresce a exploração do trabalho e a dependência do trabalhador ao capital. O trabalhador da zona canavieira compõe uma massa de assalariado, que se reproduz e se amplia, a depender da necessidade do processo de produção, do clima, que favoreceu ou não a colheita, do investimento e empenho do Estado, do incremento do capital. O trabalhador do setor sucroenergético

---

<sup>11</sup> A proibição do trabalho infantil no campo transferiu esses pequenos trabalhadores para o trabalho doméstico; eles cobrem ausência dos adultos na casa e fazem os serviços domésticos enquanto os pais trabalham. Essa é uma forma indireta de exploração do trabalho infantil.





é a substância que faz o capital funcionar e se reproduzir na cultura da cana. “O trabalhador tem a infelicidade de ser um capital vivo e, portanto, com necessidades, que em cada momento em que não trabalha perde os seus juros e, por conseguinte, sua existência.” (MARX, 1989, p. 173).

O capital precisa manter o trabalhador com vida para conservar a sua própria existência. Esses aspectos são silenciados quando se fala de condições de trabalho. O silenciamento da *condição do trabalho* é condição de existência do trabalho na “sociedade fundada no antagonismo entre classes”. Que ressoe a voz marxiana!

*Uma classe oprimida é a condição vital de toda sociedade fundada no antagonismo entre classes. A libertação da classe oprimida implica, pois, necessariamente, a criação de uma sociedade nova. Para que a classe oprimida possa libertar-se, é preciso que os poderes produtivos já adquiridos e as relações sociais existentes não possam mais existir uns ao lado de outras (MARX, 1985, p. 159).*

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Maria Virgínia Borges. A memória colonial da agroindústria canavieira do Brasil. In: **Anais da V Jornada Internacional de Políticas Públicas**, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, setembro de 2011a.

\_\_\_\_\_. A condição do trabalho e o Serviço Social no setor sucroenergético. In: VERAS, Edmilson Correia e AMARAL, Maria Virgínia Borges. **Capital x Trabalho no Campo: questão agrária, agricultura familiar e trabalho no setor sucroenergético**. Maceió: Edufal, 2011.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

AURÉLIO. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**, 1986.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Secretaria de Produção e Agroenergia. – Brasília: Mapa/ACS, 2009.

MARX, K & F. ENGELS. **A ideologia alemã**. São Paulo: Cortez, 1986.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

\_\_\_\_\_. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Textos filosóficos. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1989.

\_\_\_\_\_. **Capítulo VI, inédito de O capital**. São Paulo: Centauro, 2004a

\_\_\_\_\_. Processo de Trabalho e Processo de Valorização. In: ANTUNES, Ricardo (Org.) **A Dialética do Trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2004b.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As Formas do Silêncio, no movimento dos Sentidos**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.



PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso, uma Crítica à Afirmação do Óbvio**. Trad. de Eni Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

\_\_\_\_\_. O Papel da Memória. IN: ACHARD, Pierre... [et al]. **Papel da Memória**. Campinas, SP: Pontes, 1999.

UNIÃO DA INDÚSTRIA DA CANA-DE-AÇÚCAR. [www.unica.com.br](http://www.unica.com.br), acesso janeiro de 2010.